

COMPLEMENTAÇÃO ESCOLAR NA ALFABETIZAÇÃO: UM RELATOS DE EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS DO 3º ANO EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM UMA ESCOLA DO ENSINO FUNDAMENTAL NA CIDADE DE PARINTINS-AM

Cyrene Maria Ribeiro Farias¹

Liryan Rosa de Sá²

Pollyana Araújo da Costa³

Ângela Maria Rodrigues de Figueiredo⁴

RESUMO

O presente trabalho surgiu a partir do projeto de extensão “Complementação Escolar para a Alfabetização”, que visa criar estratégias diversificadas de ensino voltadas para a alfabetização de crianças e adolescentes que apresentem dificuldades no processo de leitura e escrita. Este é fruto das inquietações por parte de um grupo de acadêmicos, por ocasião da disciplina Metodologia da Alfabetização, ministrada no 6º período do curso de Licenciatura em Pedagogia. O projeto se preocupa com a consolidação da aprendizagem da leitura e escrita de crianças no limite do que estabelecem os documentos oficiais mais recente (2º ano). Para ajudar na concretização do processo de aprendizagem foi necessário propor experiências diversificadas em uma visão de continuidade, por meio da estratégia de Sequência Didática, a qual foi planejada e organizada sistematicamente, privilegiando atividades de ensino que priorizassem as necessidades de aprendizagem das crianças. Para isso nos fundamentamos em Ferreiro e Teberosky (1999), Carvalho (2014), Moraes (2014) e Soares (2008), articulando diferentes perspectivas teóricas que pudessem corroborar com o desenvolvimento das estratégias didáticas desenvolvidas no decorrer do projeto. Os procedimentos metodológicos adotados foram no sentido de prover encontros periódicos com o grupo de acadêmicas para estudos, discussões teóricas e oficinas pedagógicas com o professor orientador, afim de planejar sequencias didáticas e concentrar esforços em atividades específicas para a alfabetização das crianças envolvidas. As aulas aconteceram no contraturno, na própria escola, com vistas a intervir nas necessidades de aprendizagem das crianças. A importância dessa experiência foi promover a autoconfiança e a autoestima de crianças e adolescentes que se sentiam incapazes de participar ativamente da cultura letrada.

Palavras-chave: Complementação Escolar, Sequência Didática, Processo de Alfabetização.

BE Á NÃO FAZ BÁ: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS PARA ALFABETIZAR

A alfabetização é tema que tem se sustentado por muitos anos no campo do debate teórico sobre métodos, as divergentes perspectivas teórico-metodológicas se mantêm numa

¹ Graduanda no Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas-UEA, cyrenefarias05@gmail.com;

² Graduanda no Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, liryanrosaxx@gmail.com;

³ Graduanda no Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, pollyanaaraujo2601@gmail.com;

⁴ Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia. Docente na Universidade do Estado do Amazonas- UEA, angelf.uea@gmail.com;

frenética busca por território. Diferentes políticas de governo se colocam como majoritariamente mais eficientes e, não por acaso tendem a fracassar ou muitas vezes se estagnam pela descontinuidade.

No cenário nacional essas divergências aparecem nas políticas oficiais de alfabetização, entre as quais as teorias, bem fundamentadas, quase nunca apontam sólidos caminhos metodológicos ou sedimentam um “chão” para que professores alfabetizadores pudessem trilhar. As diferentes epistemologias sobre a construção do conhecimento fortalecem o campo de debate, aprofundam e delineiam perspectivas promissoras para o pensar uma didática de alfabetização.

Foi essa percepção que nos levou a refletir acerca de uma didática de alfabetização que se traduzisse em caminhos que fossem exitosos na alfabetização de crianças. Pensamos que o debate que se estabeleceu desde o início do século XX, por vezes acalorados na disputa por mostrar sua superioridade já teve seu auge como derrocada das práticas empiristas/associacionistas de alfabetização. Sem querer ressuscitar esse debate, assumimos que ele foi/é necessário, porém, ele não pode se encerrar em si mesmo, afinal é necessário levar à efeito em ações concretas na sala de aula.

Compreendemos que é preciso ampliar esse debate apontando para um campo prático em que as teorias possam se traduzir em ação, concretização dos princípios teóricos e epistemológicos em prática pedagógica de fato. O que postulamos não é acirrar as divergências, mas desenhar uma linha de raciocínio que articule os princípios teóricos-epistemológico que estão postos e se constituam em uma Didática de Alfabetização, ou seja, construir um caminho metodológico a partir da teoria, apontar caminhos possíveis que se sustentem em diferentes teorias, sem que isso se constitua em um amálgama de teorias que não dialogam. Portanto o que pretendemos com este ensaio é narrar um percurso que colocamos em prática em uma escola de Ensino Fundamental, com estudantes do 3º ano, crianças que chegaram ao 3º ano sem conhecimento básico do sistema de escrita alfabética.

CAMINHOS DIDÁTICOS POR ONDE OS PROFESSORES ALFABETIZADORES PODEM TRILHAR

Para o desenvolvimento da proposta didática, foi necessário o levantamento prévio das condições de aprendizagem das crianças da escola selecionada, a fim de conhecer não apenas o que lhes faltava aprender, mas, sobretudo o que elas já sabiam. A escolha da escola se deu a partir do contato que tivemos com o contexto da escola, inicialmente por parte do grupo de acadêmicos, durante Programa de Iniciação a Docência (PIBID), onde puderam perceber as

dificuldades de professores em auxiliar grupos extensos de crianças com níveis muito heterogêneos no processo de alfabetização e que agravado pela pandemia, tiveram “atrasos” em seu percurso, chegando no 3º ano sem saber ler e nem escrever.

O contexto da escola selecionada deve-se por ser uma escola com um contingente maior de crianças com dificuldades na leitura e escrita, situação esta empiricamente percebida e que nos fez pensar uma abordagem didática que fosse promissora, dada a realidade que se apresentava. A escola que funciona em dois bairros diferentes (zona leste e zona sul), na prática são 02 escolas que funcionam em locais improvisados (prédios de igreja católica e evangélica), o que reflete em maiores dificuldades de um trabalho coeso e sistemático, dada as condições geográficas. Deste modo o local de referência para a implantação das nossas atividades experimentais foi o prédio que é chamado de “anexo” da escola, mas que na prática fica em um outro bairro distante do centro da cidade, assim nos dispusemos em atender as crianças de uma unidade mais distante as quais mais necessitassem de apoio didático-pedagógico.

Quanto a escolha das crianças participantes foi levada em conta o seguinte perfil: a) matriculados regularmente na escola selecionada; b) estar cursando o 3º ano do E.F; c) que ainda não tenham consolidado a aprendizagem da leitura e escrita, ou seja, que estejam em nível pré-silábico e silábico. Nesse caso, focalizamos em 10 crianças do 3º ano. Esse número reduzido foi essencial para o sucesso nos propósitos de ensino que era recompor a aprendizagem daqueles que se encontravam em atraso no processo de alfabetização, ao mesmo tempo colocar em desenvolvimento uma proposta didática que tivesse clareza epistemológica e funcionalidade técnica.

O desenvolvimento de nossa proposta didática foi pensada e organizada na busca de prover atividades de ensino sistematizadas e diversificadas, planejadas para ajudar a sanar as dificuldades das crianças, nesse caso, a professora titular foi importante parceira na realização do diagnóstico realizado tanto pela instituição escolar, quanto por nosso grupo de trabalho.

Essa parceria com os profissionais da escola, foi fundamental para dispormos de um local apropriado para o desenvolvimento da proposta de trabalho e assim, atender as crianças que necessitavam de recomposição de sua aprendizagem. Para o desenvolvimento do trabalho pedagógico contamos com 06 acadêmicos do curso de Pedagogia e a docente da disciplina Metodologia da Alfabetização na Universidade do Estado do Amazonas-UEA.

O DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES PEDAGÓGICAS

As ações iniciais foram direcionadas ao grupo de trabalho (06 acadêmicos e 01 professora orientadora, além da pedagoga da escola e da professora titular). A proposta de

trabalhos foi respaldada em periódicos estudos em grupo, nele retomamos os estudos mais recentes sobre a alfabetização, revisitamos teorias psicogenéticas de Ferreiro e Teberosky (1979) e aprofundamos os conhecimentos acerca do desenvolvimento da escrita da criança do ponto de vista do construtivismo piagetiano.

Também nos debruçamos sobre os estudos do letramento, enquanto tema que é introduzido no contexto brasileiro por Mary Kato em 1986 e desenvolvido mais amplamente por Magda Soares em 2009 e entre os linguistas. Para aqueles que o defende, o uso do termo “letramento” deve ser compreendido como um processo mais amplo que excede o conceito de alfabetização, conseqüentemente não se limita a um aprendizado *da e para* a escola. Trata-se de um fenômeno que concebe a linguagem como objeto social, não como objeto escolar e que aprender a ler e escrever só faz sentido se resultar da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita (Soares, 2009). Dessa forma, tanto Soares como outros autores assumem que o letramento pressupõe a alfabetização como parte importante do processo de letramento.

Por fim, abordamos em nossos estudos preliminares, as contribuições da consciência fonológica que tem afigurado como conhecimento que embasa programas oficiais nos últimos 05 anos. Esta perspectiva pode ser vista, por exemplo, na Base Nacional Comum Curricular que tem dedicado espaço para a defesa de uma alfabetização metafonológica.

Nessa seara de estudos da consciência fonológica tomamos como referência os estudos de Artur Gomes de Morais. Morais (2012), argumenta que para compreender o sistema de escrita alfabética, a criança precisa responder duas questões: 1) o que as letras representam, notam ou substituem; 2) como as letras criam essas representações ou notações. Cada hipótese formulada seria uma tentativa de responder a essas questões. Morais se contrapõe à ideia de fases de desenvolvimento da escrita descritas por Ferreiro, ele chama a atenção para a presença de análises fonológicas elementares em manifestações de escritas espontâneas em situações anteriores às etapas observadas por Ferreiro, isto é, não-convencionais de crianças.

Entre os defensores do letramento e da psicogênese também se tensionam posições e os acirramentos em relação à coexistência da alfabetização e letramento ou a adoção de apenas um, ou ainda a ideia de que cada termo agrega conhecimentos diferentes são alguns dos temas que tiveram destaque e que disputaram território no debate, mais precisamente nos anos de 1980, 1990 e 2000.

Recentemente, após falecimento de ambas autoras, compreendemos que suas contribuições continuam embasando as práticas alfabetizadoras no Brasil e, sem dúvida as duas



autoras são e serão referência na área da educação por seus estudos e, principalmente por suas lutas por uma educação que de fato conceba a criança como sujeito importante nesse processo.

Essa retomada teórica nos conduziu para a busca de referenciais teóricos que nos ajudasse a construir uma ideia a respeito de suas contribuições e de como este conhecimento poderia ser acionado nas proposições didáticas, ou seja, o intuito desse “mergulho teórico” se fez necessário para a construção de um parâmetro que fosse tomado como referência na elaboração de uma didática alfabetizadora. Não se trata de colocar todas essas teorias num recipiente e misturá-las, mas conhecer cada uma, compreendê-las e a partir de seus pressupostos teóricos encontrar um “caminho do meio” que nos ajude a converter em ações práticas, ou seja, em uma didática passível de ser utilizada em sala de aula. Para isso foram selecionadas as seguintes obras para aprofundamento teórico.

2ª Etapa-Seleção e organização do grupo de crianças

A seleção e organização do grupo de crianças foi feito pela professora e pela pedagoga da escola que, após teste diagnóstico, realizado na primeira semana do início do ano letivo e, mediante relatório subscrito por ambas, nos convocou por meio de reunião para dar ciência e nos situar das reais necessidades tanto das crianças, quanto da escola. Para a adesão do projeto por parte da escola e das famílias das crianças realizamos ampla divulgação de nossas ações na comunidade escolar e reunião com os pais dos estudantes envolvidos diretamente nesse processo.

Essa reunião nos colocou em contato direto com os familiares das crianças, foi um momento importante tanto para conhecer sua realidade, quanto para a adesão e parceria da família, afinal a frequência das crianças era nossa maior preocupação, pois isso dependia dos responsáveis e não apenas das crianças. Como as atividades se desenvolveu no contraturno, contar com a aderência ao compromisso com a aprendizagem dos estudantes foi fundamental.

3ª etapa-O planejamento e oficinas pedagógicas

Para o desenvolvimento propriamente de nossas práticas, as proposições didáticas foram estruturadas visando a sistematização das diferentes perspectivas teóricas abordadas no grupo de estudos. A preparação de uma didática que sistematizasse um percurso didático a ser colocado em prática pelo grupo de acadêmicos voluntários para que o ensino do sistema de escrita fosse bem sucedido.

Essa elaboração foi permeada por momentos de estudo e simultâneas **oficinas pedagógicas** que pudessem fornecer habilidades de manejo didático para que houvesse uma sequência lógica. Partimos do pressuposto de que o texto é o elemento central desse processo e

que a mediação do professor será essencial para ajudar na aprendizagem da criança. O desenvolvimento das atividades será sistematizado por meio de Sequência Didática:

✓ **Oficinas Pedagógicas**

As oficinas pedagógicas foram realizadas com a equipe executora, ou seja, acadêmicos de Pedagogia para a efetiva participação destes como agentes de transformação. Imbuídos do propósito de minimizar as dificuldades identificadas a partir do diagnóstico realizado pela equipe pedagógica da escola, este foi nosso ponto de partida para o desenrolar das atividades de ensino.

A primeira oficina teve como tema “A sondagem temática”. Diante do estudo das perspectivas psicogenéticas, assumimos este encontro formativo como precursor de nossas ações, afinal o ponto de partida que considerávamos é saber o que a criança já sabe, o que ela pensa sobre a escrita?

Nessa ocasião pudemos estudar detalhadamente as características da escrita infantil, fazer conjecturas e análises a partir de escritas espontâneas reais de crianças. Cada participante atuou como protagonista de seu conhecimento realizando a busca, coleta de escritas infantis para serem analisadas, refletidas coletivamente e descritas em documento pareceres técnicos.

A partir deste ensaio, foi possível criar cognição necessária para investigar as escritas das crianças, tanto as que foram coletadas pela equipe da escola, quanto para nos dar respaldo para aplicação do teste de sondagem, proposta para o início do processo de execução do projeto.

A segunda oficina foi voltada às estratégias de leitura. Nessa oficina o grupo de estudos foi levado a estudar as formas como a leitura age na cognição humana, como atribuímos significado ao que lemos, afinal ler é mais que reconhecer os códigos gráficos. Assim realizamos estudos sobre as diferentes estratégias que podemos usar com as crianças no ato da leitura: inferência, verificação, antecipação etc.

Nesses estudos, organizamos um acervo de livros de diferentes gêneros que fossem adequados à faixa etária das crianças. Esse acervo foi socializado no grupo, afim de construirmos maior familiaridade com as obras que seriam abordadas nas aulas. Das obras selecionadas, contos, lendas, fábulas e poesias foram as que selecionamos e alternamos na realização do trabalho com a Sequência Didática.

A terceira oficina teve como tema “Níveis de consciência fonológica”. Nessa ocasião, colocamos em prática os estudos sobre aspectos fonêmicos e fonológicos que envolvem a consciência de “som”. Partimos do estudo teórico para efetivas atividades que levassem à reflexão fonológica. Diante da distinção dos níveis de consciência fonológica (texto, consciência de palavra, consciência intrassilábica etc.).

Reunimos atividades diversas, procurando analisar que conhecimentos grafofônicos presentes nelas, essa ação visava identificar elementos fonológicos em atividades que fossem significativas. O objetivo era que as acadêmicas se familiarizassem com escolhas produtivas para uma escolha consciente das atividades.

Diante do conhecimento acerca das relações gráficas e fonêmicas da língua, propusemos atividades para um trabalho com RIMAS e ALITERAÇÕES. Diante dessa busca por desenvolver a consciência fonológica, elencamos e criamos um acervo materiais com objetivos específicos de trabalho com p desenvolvimento da consciência fonológica.

A quarta oficina teve como objetivo exercitar o Planejamento de Unidade e o Plano de Aula, considerando a BNCC. Nessa oficina as ações convergiram para um planejamento colaborativo que considerasse o aluno como ponto de partida. Nesse sentido, tomamos como referência os testes diagnósticos realizados pela equipe da escola para pensar um plano real e coerente com as necessidades de aprendizagem das crianças. Partimos para estudo do documento que permeia a prática pedagógica na escola. Primeiramente estudamos a Base Nacional Comum Curricular como pressuposto para estruturar um eixo que pudesse nortear a nossa prática de modo efetivo e assertivo. Então elaboramos um Planejamento que pudesse focar naquilo que realmente fosse importante para aquela ocasião de aprendizagem das crianças.

Os momentos de reflexão que permearam o plano de aula suscitaram a ampliação de nossas perspectivas e conhecimentos acerca do tema: alfabetização. Diante da necessidade de corresponder às expectativas de aprendizagem das crianças, estruturamos nossas ações em Sequência Didática como principal forma de sistematização do ensino. Ao colocarmos em prática as atividades por meio de Sequência didática foi possível perceber a progressão e o desenvolvimento das habilidades que pretendíamos desenvolver. Esta forma de proposição nos levou à acompanhar passo a passo o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos e a promover um ensino mais efetivo, coerente com as reais necessidades das crianças, sem deixar de lado nenhuma das habilidades postuladas pela BNCC e pelo currículo da escola.

Figura 1 -Organização das etapas de trabalho que foram base para a Sequência Didática.



Fonte: Elaboração das autoras no contexto da realização da experiência, 2023.

Essa articulação de etapas de desenvolvimento expressa a cima, foi a base para elaboração das Sequencias Didáticas trabalhadas em cada aula. Basicamente essas etapas se desdobraram em outras, porém o ponto de partida para os momentos organizados para o ensino das crianças, estruturou-se a partir dessa seguinte sequência: 1) Leitura pelo professor; 2) Leitura pelos alunos com a ajuda do professor; 3) Análise sistemática dos elementos da língua materna.

As oficinas colocaram em evidência a proposta didática que pretendíamos colocar em prática. A base para seu desenvolvimento foi as diferentes modalidades de uso da linguagem. Na leitura pelo professor, trabalhamos a escuta ativa, a fala espontânea para expressar pensamentos e ideias, sem a pretensão de usar a diversidade de texto como pretexto, simplesmente era momento organizado para que as crianças colocavam em jogo tudo o que sabiam sobre o tema abordado.

3ª Etapa-O desenvolvimento da Sequência Didática

Pós planejamento, organizamos os objetos de conhecimento e os objetivos de aprendizagem com base nos testes preliminares que diagnosticou as reais necessidades dos estudantes. De acordo com o levantamento dessas necessidades, estruturamos a Sequência Didática para atender aos objetivos de aprendizagem de acordo com a BNCC, que é o documento oficial adotado nas instituições de ensino.

Quadro 02: Modelo da etapa inicial das aulas organizadas por meio de SD.

Dia	Objetivos	1º momento	2º momento	3º momento	Prof.	Tempo
Quarta-feira (22/03/2023)	<ul style="list-style-type: none"> -Demonstrar a hipótese de desenvolvimento da escrita. -Analisar as letras que compõem os nomes. -Organizar palavras em ordem alfabética. 	<ul style="list-style-type: none"> - Recepção calorosa aos alunos. - Apresentação professor e alunos - Boas vindas 	<ul style="list-style-type: none"> Realizando uma sondagem. - Teste diagnóstico: nomes de animais em ordem hierárquica, ou seja, da maior para a menor. 	<ul style="list-style-type: none"> -Escrita do alfabeto; - Identificação da letra inicial das palavras; -Escrita e ordenação de palavras em ordem alfabética. - Jogos com alfabeto móvel para identificar letras iniciais de palavras. 	Pollyana Milla	2h/aula
Sexta-feira (24/03/2023)	<ul style="list-style-type: none"> - Ler e escrever o próprio nome. - Apreciar textos do universo literário, levando-se em conta os fenômenos de estilo, de imaginação e de lirismo. - Identificar nomes próprios. -Analisar as letras que compõem os nomes. 	<ul style="list-style-type: none"> - Preparar a sala de aula como um ambiente alfabetizador para receber os alunos. -Fortalecer o processo integração e pertencimento individual. 	<ul style="list-style-type: none"> -Propor a leitura do texto “Nome da gente” de José Paulo Paes. - Realizar roda de conversa para que as crianças relatem o que acham dos seus nomes, quem escolheu. -Exploração do cartaz para perceberem 	<ul style="list-style-type: none"> - Confeccionar com os alunos um crachá de mesa, discutindo inicialmente o seu uso social. - Com o crachá ou uma ficha em mãos, cola, tesoura e materiais para recorte, realizar a atividade proposta. - Escrever a letra inicial de seu nome e uma lista de palavras em ordem alfabética. 	Liryan Cyrene	2h/aula

Segunda-feira (27/03/2023)	<ul style="list-style-type: none"> - Ler e escrever o próprio nome. - Appreciar textos do universo literário, levando-se em conta os fenômenos de estilo, de imaginação e de lirismo. - Reconhecer os próprios nomes. -Analisar as letras que compõem os nomes. 	<ul style="list-style-type: none"> - Preparar a sala de aula como um ambiente alfabetizador para receber os alunos. -Fortalecer o processo integração e pertencimento individual. 	<ul style="list-style-type: none"> -Propor a leitura do texto “Nome da gente” de José Paulo Paes. -Exploração do cartaz para perceberem as rimas. - Localizar palavras solicitadas pelas professoras; - Comparar palavras que têm rimas. - Escrever e analisar palavras que rimam. Ex: AQUILO CROCODILO 	<ul style="list-style-type: none"> - Cópia de palavras que rimam, identificando as formas de escrita. -Leitura do alfabeto e separação do conjunto de letras em vogais e consoantes. 	Mary Drizana	2h/aula
Quarta-feira (27/03/2023)	<ul style="list-style-type: none"> - Ler e escrever o próprio nome. - Appreciar textos do universo literário, levando-se em conta os fenômenos de estilo, de imaginação e de lirismo. - Reconhecer os próprios nomes. -Analisar as letras que compõem os nomes. 	<ul style="list-style-type: none"> - Preparar a sala de aula como um ambiente alfabetizador para receber os alunos. -Fortalecer o processo integração e pertencimento individual. 	<ul style="list-style-type: none"> -Propor a leitura do texto “Nome da gente” de José Paulo Paes. -Exploração do cartaz para perceberem as rimas. - Localizar palavras solicitadas pelas professoras; - Comparar palavras que têm rimas. - Escrever e analisar palavras que rimam. Ex: AQUILO-CROCODILO 	<ul style="list-style-type: none"> - Cópia de palavras que rimam, identificando as formas de escrita. - Leitura do alfabeto e separação do conjunto de letras em vogais e consoantes. 	Pollyana Milla	2h/aula
Sexta-feira (31/03/2023)	<ul style="list-style-type: none"> - Ler e escrever o próprio nome. - Appreciar textos do universo literário, levando-se em conta os fenômenos de estilo, de imaginação e de lirismo. - Reconhecer os próprios nomes. -Analisar as letras que compõem os nomes. 	<ul style="list-style-type: none"> - Preparar a sala de aula como um ambiente alfabetizador para receber os alunos. -Fortalecer o processo integração e pertencimento individual. 	<ul style="list-style-type: none"> - Pedir que os alunos relatem a história de seus nomes em roda de conversa. - Criar uma carteira de identidade com foto e nome. - Comparar as histórias e escrever os nomes dos colegas em seu caderno. 	<ul style="list-style-type: none"> - Criar um mural com a história dos nomes da turma. -Apresentar-se para os colegas, relatando sua personalidade e seus gostos e preferências, desejos e defeitos. 	Mary Drizana	2h/aula
CH	10h/aulas					

Fonte: 1ª etapa da Sequência Didática desenvolvida pelo grupo de trabalho, 2023.

O desenvolvimento da SD foi realizado de modo alternar momentos em que os estudantes participassem de diferentes formas de linguagem e comunicação, sendo o 1º momento, realizada a leitura pelo professor, utilizando estratégias que fossem adequadas às modalidades e gêneros textuais.

No 2º momento a leitura era conduzida para que as crianças pudessem se familiarizar com o texto, considerando o significado e a participação ativa das crianças, para esse momento, os textos eram adequados ao nível de leitura das crianças, afinal a decodificação é uma parte importante da leitura, embora não possa ser reduzido a isso. Por isso trabalhamos parlendas, músicas e poemas da tradição popular que as crianças soubessem de memória. A partir desse texto significativo, fazíamos o estudo de reconhecimento de letras, reconhecimento de palavras e rimas, sempre de forma lúdica.

No 3º momento nos detínhamos a trabalhar aspectos, mas técnicos sobre o ensino da língua. Nessa ocasião focalizávamos em estruturas da língua a partir do texto abordado na etapa anterior. Se fosse uma parlenda, as palavras que rimavam era nosso ponto de partida para a análise sistemática dos “sons”, formas de escrever, semelhanças e diferenças entre as palavras e as formas de construção das sílabas. Estudávamos conjuntos de palavras retiradas do texto e analisávamos o conjunto de desdobramentos silábicos, leitura e escrita das palavras conhecidas no texto e, escrita de novas palavras a partir dela.

Essa sistemática não se perdia nas aulas posteriores, pois dia após dia a dinâmica que se estabelecia era a mesma, mudando apenas os textos e a forma de abordagem do sistema de escrita. Por exemplo, cada gênero lido tinha uma permanência de uso desse gênero aproximadamente por uma semana, a fábula lida pelo professor era substituída por outra, a fim de que em uma semana, pudessem perceber as características desse tipo de texto. Na outra semana era lido, por exemplo uma lenda e assim por diante. O mesmo ocorria em outras etapas do trabalho, se em uma semana a parlenda era o alvo da leitura e estudo coletivo do texto, na outra era um poema, na outra era uma receita etc.

Nosso compromisso com essa abordagem era diversificar o acesso a diferentes gêneros textuais e, a partir deles proceder com o estudo sistemático das letras, sílabas, palavras, sem exigência hierárquica de apresentação destes elementos. Estabelecer esse percurso didático, clarificou aquilo que de fato era necessário abordar com as crianças, sem deixar à margem nenhuma das necessidades, pois todas as ações eram feitas aproximando sempre as aprendizagens necessárias a cada criança e, por se tratar de um grupo pequeno, facilitava a circulação da informação e a troca entre eles. Postulamos que em uma sala com maior número de alunos, o trabalho com agrupamentos heterogêneos facilitaria a execução dessa proposta de ensino, pois haveria uma troca produtiva entre as crianças, sendo o professor mediador principal das aprendizagens necessárias coletivamente e individualmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As nossas ações partiram da realização do teste de sondagem diagnóstica realizado pela professora titular e subscrita pela pedagoga da escola. Dentre as 10 crianças que apresentavam atraso no desenvolvimento da leitura e da escrita, 08 apresentavam nível elementar (pré-silábico), não conheciam letras e não escreviam o próprio nome. Outras 02 reconheciam algumas letras e escreviam o nome de memória, pouco relacionavam sua escrita às letras convencionais. Cabe ressaltar que o 1º teste foi realizado no começo dos trabalhos do grupo e o 2º foi realizado na última semana de aula, antes do encerramento da 1ª etapa do trabalho. O

quadro abaixo revela o que descrevemos acima, os nomes foram trocados e atribuímos nomes fictícios.

Quadro 3: Comparativo do 1º (final de março) e do 2º (meados de junho) teste diagnóstico dos alunos.

Nº	Nome	1º teste diagnóstico	2º teste diagnóstico	Parecer
01	Marcos	Pré-silábico	Silábico-Alfabético	Das 10 crianças que iniciaram conosco, 08 estavam em nível elementar de escrita, 02 em nível silábico sem valor sonoro. Ao final de 03 meses, dos 10 ingressantes apenas 02 permaneceram no nível pré-silábico. 02 estão no nível alfabético; 04 estão no nível silábico-alfabético.
02	João	silábico	Alfabético	
03	Miguel	silábico	Alfabético	
04	Rafael	Pré-silábico	Silábico-Alfabético	
05	Davi	Pré-silábico	Silábico-alfabético	
06	Cícero	Pré-silábico	Pré-silábico	
07	Jonas	Pré-silábico	Silábico	
08	Domênico	Pré-silábico	Silábico	
09	Levi	Pré-silábico	Pré-silábico	
10	Simão	Pré-silábico	Silábico-Alfabético	

Fonte: Elaboração do grupo de trabalho, 2023.

Cabe ressaltar que o contexto social e econômico dessas crianças, exigia uma postura mais afetiva e não apenas efetiva, a realidade que se impunha nos movia a considerar que a aprendizagem bem sucedida requer um olhar acolhedor para as subjetividades e singularidades. Muitas das crianças atendidas já não tinham um olhar positivo para si, consideravam-se incapazes e este estigma de fracasso era algo que o afeto e a afeição ajudaram a minimizar.

O êxito de nosso trabalho pode ser percebido nos números de alunos que foram conduzidos a um passo de consolidar o processo de alfabetização. Consideramos que o fato de apenas 02 alunos permanecerem no nível pré-silábico e 02 no nível silábico, foi em si uma resposta que não esperávamos e que fizemos o possível para que não ocorresse, mas há questões que repercutem no trabalho e que não dependem da escola, tampouco dos professores. Muitas vezes apontamos as famílias como culpadas pelo fracasso, quando a efetividade da assiduidade às aulas no contraturno não era como desejávamos, mas as realidades de muitas famílias impedem que esse desejo se concretize. Pais que saem cedo e só retornam no início da noite, trabalhadores que, muitas vezes cuidam dos filhos de outras famílias, nem sempre tem condições de monitorar e atender as necessidades de seus próprios filhos.

Portanto, numa dimensão social mais ampla, concebemos que não basta o acesso ao sistema de ensino, ele por si não é suficiente para uma escolarização adequada, é necessário que a qualidade das intervenções e também as políticas públicas no campo da alfabetização sejam mais eficientes para que a escolarização cumpra seu papel na formação e democratização do exercício de cidadania.



REFERÊNCIAS

FERREIRO, E.; TEBEROSKY. **A Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MORAIS, Artur Gomes. **Sistema de escrita alfabética**. Editora Melhoramento, São Paulo, 2014.

MORAIS, Artur Gomes. **Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

MORTATTI, Maria do Rosário Longe. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.